

A “MÃE AUTÊNTICA” NA FORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA: CONTRIBUIÇÕES DE EDITH STEIN PARA A EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

THE 'AUTHENTIC MOTHER' IN THE FORMATION OF THE HUMAN PERSON:
CONTRIBUTIONS OF EDITH STEIN TO EDUCATION AND SPECIAL EDUCATION

LA 'MADRE AUTÉNTICA' EN LA FORMACIÓN DE LA PERSONA HUMANA:
APORTES DE EDITH STEIN PARA LA EDUCACIÓN Y LA EDUCACIÓN ESPECIAL

Jolimar Cosmo¹, Everaldo dos Santos Mendes², Hiran Pinel³

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3103

Recibido: 21/7/2025 | Aceptado: 22/7/2025 | Publicación en línea: 28/7/2025.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever compreensivamente, à luz da fenomenologia de Edith Stein, a figura da “mãe autêntica” enquanto expressão da natureza humana feminina e sua relevância formativa na constituição da pessoa humana. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com delineamento bibliográfico, fundamentando-se nas obras filosóficas e pedagógicas de Stein, especialmente em suas conferências sobre a arte materna da educação. A análise evidencia que a maternidade, para Stein, transcende o vínculo biológico, configurando-se como uma vocação existencial ancorada no cuidado, na presença amorosa, na mediação e no compromisso com o desenvolvimento integral da criança. A “mãe autêntica” é apresentada como educadora originária, cuja atuação constitui o alicerce da formação emocional, espiritual e moral da criança. Ao integrar filosofia, espiritualidade e experiência, a autora oferece um horizonte pedagógico centrado na dignidade da pessoa, particularmente significativo para contextos educacionais inclusivos e marcados por vulnerabilidades afetivas. Conclui-se que o conceito de “mãe autêntica”, em Stein, amplia as possibilidades de reflexão sobre a presença da mulher na educação contemporânea, contribui para o debate atual sobre protagonismo feminino, subjetividade e cuidado, e propõe uma pedagogia fundamentada na ética, no afeto e na alteridade.

Palavras-chave: Pessoa Humana. Mãe Autêntica. Formação. Educação Inclusiva. Fenomenologia.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Serra, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: jolimarcosmo@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0798-1126>

² Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Universidade de Coimbra (UC), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: everaldo.mendes@ufba.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0245-4167>

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Vitória, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: hiranpinel@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8540-6653>

ABSTRACT

This article aims to comprehensively describe, in light of Edith Stein's phenomenology, the figure of the "authentic mother" as an expression of the feminine human nature and its formative relevance in the constitution of the human person. The research adopts a qualitative approach with a bibliographic design, grounded in Stein's philosophical and pedagogical works, especially her lectures on the maternal art of education. The analysis reveals that, for Stein, motherhood transcends biological bonds, constituting an existential vocation anchored in care, loving presence, mediation, and commitment to the integral development of the child. The "authentic mother" is presented as the original educator, whose role forms the foundation for the child's emotional, spiritual, and moral development. By integrating philosophy, spirituality, and lived experience, Stein offers a pedagogical horizon centered on the dignity of the person—particularly meaningful for inclusive educational contexts marked by affective vulnerability. It is concluded that Stein's concept of the "authentic mother" expands the possibilities for reflecting on the role of women in contemporary education, contributes to current debates on female protagonism, subjectivity, and care, and proposes a pedagogy grounded in ethics, affection, and otherness.

Keywords: Human Person. Authentic Mother. Formation. Inclusive Education. Phenomenology.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo describir de manera comprensiva, a la luz de la fenomenología de Edith Stein, la figura de la "madre auténtica" como expresión de la naturaleza humana femenina y su relevancia formativa en la constitución de la persona humana. La investigación adopta un enfoque cualitativo con diseño bibliográfico, fundamentado en las obras filosóficas y pedagógicas de Stein, especialmente en sus conferencias sobre el arte materno de la educación. El análisis revela que, para Stein, la maternidad trasciende el vínculo biológico, configurándose como una vocación existencial anclada en el cuidado, la presencia amorosa, la mediación y el compromiso con el desarrollo integral del niño. La "madre auténtica" se presenta como educadora originaria, cuya actuación constituye el fundamento de la formación emocional, espiritual y moral del niño. Al integrar filosofía, espiritualidad y experiencia vivida, Stein ofrece un horizonte pedagógico centrado en la dignidad de la persona, especialmente significativo para contextos educativos inclusivos y marcados por vulnerabilidades afectivas. Se concluye que el concepto de "madre auténtica", en Stein, amplía las posibilidades de reflexión sobre la presencia de la mujer en la educación contemporánea, contribuye al debate actual sobre el protagonismo femenino, la subjetividad y el cuidado, y propone una pedagogía basada en la ética, el afecto y la alteridad.

Palabras clave: Persona Humana. Madre Auténtica. Formación. Educación Inclusiva. Fenomenología.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A compreensão da natureza humana feminina tem sido objeto de múltiplas abordagens ao longo da história, atravessando campos como a filosofia, a religião, a ciência, a cultura e a subjetividade. Nesse percurso, emergem diferentes tentativas de compreender o lugar da mulher na constituição da pessoa humana e na dinâmica social, afetiva e educativa da vida em comunidade. No campo da filosofia do século XX, Edith Stein (1891–1942), pensadora alemã de origem judaica, convertida ao catolicismo e posteriormente monja carmelita, oferece uma contribuição original e sensível ao refletir sobre a essência da mulher e sua missão no mundo. Sua abordagem fenomenológica, enraizada na escuta da experiência vivida, propõe uma leitura profunda do feminino como abertura ao outro, cuidado e mediação.

Edith Stein dedicou parte significativa de sua produção intelectual à análise da mulher, do feminino e da maternidade, entrelaçando temas como vocação, espiritualidade, educação e subjetividade. A figura da “mãe autêntica”, presente em suas conferências e textos pedagógicos, revela a maternidade não como um simples dado biológico, mas como uma atitude existencial, um gesto de entrega ética e amorosa ao outro, especialmente à criança em formação. Ser mãe, para Stein, é estar disponível com presença sensível, escuta afetiva e responsabilidade diante da vida em desenvolvimento. Trata-se de um chamado profundo, cuja realização se dá tanto no plano afetivo quanto espiritual, configurando um modo de ser que transcende o exercício funcional da maternidade.

Neste estudo, utilizaremos obras traduzidas de Stein publicadas no Brasil e em Espanhol, sendo tradução nossa. Tais obras oferecem subsídios teóricos, filosóficos e vivenciais que permitem compreender a figura da “mãe autêntica” como educadora originária, cuja ação está vinculada à constituição da subjetividade da criança e à mediação de sua abertura ao mundo e à transcendência. Em tempos de fragmentação afetiva e desafios éticos no campo educacional, a proposta de Stein oferece uma via potente para pensar o papel da mulher na educação e na formação da pessoa humana.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com delineamento bibliográfico, fundamentada na análise de obras publicadas de Edith Stein. De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica consiste na análise de materiais já publicados, especialmente livros e artigos científicos, com o objetivo de aprofundar e refletir sobre temas sob novas perspectivas. Tal metodologia é apropriada ao objetivo deste estudo, que busca descrever compreensivamente,

a partir da fenomenologia, a maternidade como fenômeno constitutivo do ser feminino em sua missão educativa.

A reflexão sobre a maternidade à luz da fenomenologia de Edith Stein apresenta-se como um campo fértil para repensar os vínculos entre educação, subjetividade e formação humana. Sua concepção de “mãe autêntica” não apenas resgata o papel da mulher como formadora por excelência, mas também convida à construção de uma pedagogia do cuidado, da presença e da ética relacional. Em contextos educacionais marcados pela vulnerabilidade social e emocional, tal reflexão oferece contribuições significativas, sobretudo para práticas educativas voltadas à inclusão, à dignidade da pessoa e à valorização da subjetividade desde os primeiros vínculos afetivos.

Neste artigo, propõe-se, portanto, descrever compreensivamente a contribuição de Edith Stein à compreensão da natureza humana feminina, com foco na figura da “mãe autêntica” enquanto presença educativa fundamental. Ao integrar filosofia, espiritualidade e experiência vivida, o estudo busca evidenciar a atualidade da proposta steiniana para os debates contemporâneos sobre maternidade, educação e o papel formador da mulher na sociedade e na escola.

A NATUREZA HUMANA FEMININA DA MULHER

Stein (2020), no seu tempo-espaço, defende que algo está determinado na "natureza" (o biológico) da mulher com um "tri-objetivo": 1) cumprir sua humanidade inerente de ser no mundo, pessoa humana; 2) projetar seu ser numa feminilidade como estar sendo no mundo; 3) sua individualidade em comunidade.

Não se trata de finalidades separadas, assim como também na natureza do indivíduo humano concreto a natureza não é dividida em três e, sim, é uma só: a natureza humana em sua manifestação especificamente feminina e individual (Stein, 2020, p. 171).

Para se ter uma ideia da contemporaneidade de Stein, podemos citar Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo: experiência vivida*: É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação "natural", porquanto todo seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie (Beauvoir, 2016, p. 279).

A mulher, no contexto steiniano, está em comunidade. Essa mulher é no mundo — ou repetindo — na comunidade. Ela tem sido considerada a desempenhar a tarefa de estar ligada a

um outro, no caso, a um homem masculino, ter sexo com ele — tornando-se mãe. Há assim, no ato de ser mãe, algo comum, "natural", esperado - ainda que haja mulheres que não desejam isso e/ou não conseguem sê-lo devido a algum problema da saúde. O ser esposa e mãe, em Stein, é algo entrelaçado. Ser esposa significa ser apoio e segurança como companheira do marido, da família e da comunidade humana. Ser mãe tem o sentido de cuidar e desenvolver a verdadeira humanidade. "Ambas as funções, o companheirismo da alma e a maternidade da alma, não estão restritos aos limites da relação física de esposa e mãe, estende-se a todos os seres humanos que entram no campo de visão da mulher" (Stein, 2020, p. 115).

Ao analisarmos as perspectivas de Edith Stein sobre a mulher, a mãe e a maternidade, podemos encontrar uma visão bem cotidiana e esperada pela sociedade maior, mas que, nos detalhes teóricos (e práticos), pontuam desafios sobre o papel da mulher na comunidade. Para Edith Stein, existe uma santidade que pertence ao desejo e à escolha de ser mãe, algo do ser mulher.

[...] filósofa e monja, carmelita alemã, Stein via a maternidade como uma vocação sagrada, um dom divino que completa a mulher e a aproxima de Deus. O Pai divino, aqui-agora, é percebido por esses autores, como um homem concretamente digno, que de modo simbólico — e o imaginando no cotidiano de uma fenomenologia da vida. A mulher-mãe está em "ser-com", não é uma olhada, algo ensimesmado. Ela está com todos, e especialmente as companheiras existenciais — as mulheres. Essa mãe atua dialogando com ela mesma e os outros na sua disposição, naturalmente orgânica, à maternidade, e que na sociedade e cultura tem tido um papel fundamental de ser (mãe). Na nossa sociedade Ocidental, uma das tarefas esperadas dela, ainda que possam ser compartilhadas com um "outro", como o marido, é o de criar e de cuidar dos filhas (e filhos) (Pinel; Cosmo, 2022, p. 13).

Ainda que haja diferenças biológicas, cientificamente comprovadas entre todo casal hétero, e as diferenças psicossociais (também) de todos,

(...) Stein se destaca ao descrever o papel social masculino de sustentar o interior da casa e a de ser mãe e esposa nesse mesmo, mas não único, lugar de afeto no tempo. Precisamos, nesse sentido, compreender a filósofa, no seu contexto religioso, bem como a sua postura diante do mundo (Pinel; Cosmo, 2022, p. 15).

Ao mesmo tempo, como doutora em filosofia fenomenológica, ela destaca sempre que os fenômenos ocorrem de modo indissociado (e dinâmico).

Percebemos que, na proposta dela, há um "dentro de si" (papel da mulher no lar que se compõe na comunidade), e há um "fora de si" (papel do homem no trabalho e na comunidade). Também, em suas escritas, existe um entrosamento cuidadoso nascido da

relação (idealizada e possível) do pai, da mãe e dos filhos em comum união (comunhão). Por outro lado, nessa tríade clássico-familiar, a sua Filosofia leva ao leitor a uma memória, ou seja, a do belo simbolismo do Pai (Deus), do Filho (Jesus) e o Espírito Santo, que por sua vez, nos remete a uma riqueza espiritual presente na imagética Sagrada Família com seus componentes que são Maria, a mãe - que é a base biológica e psicofisiológica dessa núcleo familiar, José (o pai, o carpinteiro) e Jesus (o filho, ou o Verbo feito Carne). (Pinel; Cosmo, 2022, p. 8).

Nesse contexto de sentido, Teixeira (2017, p. 105) afirma que em Stein há uma

[...] confiança e percepção da presença de Deus na interioridade humana; reconhecimento da Trindade como arquétipo para a pessoa humana — [e que] deve-se ressaltar que é em Jesus Cristo, Verbo feito carne, que [a] humanidade e [a] divindade são manifestadas. Jesus Cristo é a revelação corporal [o Verbo encarnado] de Deus e através da fé é possível acessá-lo como Deus pessoal e próximo, como o Logos Eterno.

Pinel e Cosmo (2022), nessa mesma linha, destacam que Stein era uma fenomenologista, logo, os fenômenos para ela podem até "ser divididos didaticamente para clarear, mas que, quando vivido pela pessoa humana, passa a existir o encarnado de modo imbricados" (Pinel; Cosmo, 2022, p. 10). Mulher e homem se desvelam em uma "complementação mútua", diz Stein. E aqui podemos recordar de Simone de Beauvoir, quando a filósofa francesa defende que o homem deve cuidar dos filhos, do lar e não só a mulher, ousamos "pensar-sentir-agir" uma Edith assim, tamanha devoção, religiosidade, compromisso, uma posição feminista do e no seu tempo-espaço (Pinel; Cosmo; 2022, p. 9).

Um caminho nascido de Stein é o reconhecimento da travessia do simbólico (Deus perfeito) para o real concreto (o homem cotidiano) que dialeticamente retorna ao imaginário. Estando compatível com sua religiosidade, Stein reflete acerca do que muito se comenta, até no cotidiano do cristão, qual seja, não conseguimos ser tão puros e perfeitos segundo o discurso do cristianismo, somos reais, concretos ainda que sonhemos, pois o sonho nos (co)move. O ser humano, segundo os arquétipos, rompe o humanismo (da humanidade), criando um distanciamento definitivo com o Deus Pai. Esse cortar laços, entre eu e Ele, torna-se de fato uma ferida que marca o ser na sua existência na comunidade, onde somos com o outro:

O maravilhoso no gênero humano é que todos somos um. Se fosse diferente, estaríamos lado a lado, como indivíduos autônomos e separados, e a queda de um não poderia ter se tornado a queda de todos. Podia ter sido pago e atribuído a nós o preço da expiação, mas não teria passado a sua justiça para os pecadores, e não teria sido possível nenhuma justificação. Mas Ele veio, para tornar-se conosco um corpo místico. Ele, nossa cabeça, nós, os seus membros. Ponhamos nossas mãos nas mãos do Menino-Deus, pronunciando o nosso "Sim" ao seu Siga-me". Então, nos tornamos Seus, e o caminho está livre, para

que a sua vida divina possa passar para a nossa. Isto é o começo da vida eterna em nós (Stein, 2004, p. 484, tradução nossa).

A maternidade, para Stein, é vista como um ato de amor e abnegação, em que a mulher se doa por completo à sua família, o que pode ocorrer com mulheres diversas, embora o mundo real as consuma no trabalho, inviabilizando tal proposta sonhada, que ainda assim pode ser digna de ser viabilizada.

Stein valorizava a educação de filhos, a fim de transmitir-lhes valores religiosos e morais, o que indica o interesse da pensadora por um determinado processo civilizatório humanista — e esse ponto é hiper potente na filósofa. No entanto, é potente indicar que originalmente a reprodução é tarefa conjunta de ambos os sexos. Há diferenças entre homem e mulher no biológico, mas estar no "ser-com" dá possibilidade de diálogo do casal.

Stein descreve o real, a necessidade de complementação na relação com os descendentes, pois, de um lado, a natureza inacabada do filho requer cuidados, proteção e orientação para o desdobramento de sua força. Os laços do corpo que ligam o filho à mãe e a inclinação "natural" da mulher de dedicar-se e servir à vida do outro, bem como seu senso mais forte de desenvolvimento, imaginado no sentido de ser harmonioso, das forças, possibilitam que a parte principal da educação seja confiada a ela.

Edith Stein inspira as mulheres a assumir os desafios do tempo presente (...) [Ela] vivenciou tempos sombrios, situações-limite. Sabemos que em tempos de crises profundas, é necessário separar o essencial do acessório, o que é precioso do que é vil. [...] Edith Stein [...] [é uma] inspiração [...] para os desafios concretos que a vida [...] [apresenta] (Gomes, 2020, p.1).

Já na contemporaneidade, com as discussões acerca do protagonismo feminino, Edith Stein, nos parece, por tudo que escrevemos até agora, uma mulher que traz consequências para o mundo atual, e que foi, sem dúvida uma precursora do seu tempo e espaço/ lugar:

Uma mulher que soube viver profundamente imersa nas questões que seu momento histórico lhe impôs, sem sucumbir a elas. Tinha uma percepção muito apurada da realidade e utilizava todos os recursos que possuía para contribuir e transformar. (...) Viveu como mulher em um período de lutas pela emancipação feminina, pelo direito ao voto, abertura das universidades para as mulheres, entre outras conquistas. Viu o surgimento e crescimento do nazismo, sofreu forte perseguição, mas em cada um desses acontecimentos procurou dar sua contribuição a partir de seus escritos, seu trabalho, seu ser mulher, sua vida colocada a serviço até as últimas consequências (Gomes, 2020, p. 1).

Estudos atuais pontuam muitas das ideias de Stein e, no cotidiano de alguns católicos (ou não), tem prevalecido essa discursividade religiosa, mas o vivido é complexo como destaca a própria Stein quando não desconhece o romper com a idealização e o viver o dia a dia com a concretude do real — diga-se de passagem —, uma realidade indissociada dos planos e sonhos: "[...] a relação conjugal normalmente é entendida como um processo organizacional complexo, contínuo e dinâmico entre duas individualidades que constroem uma identidade conjugal" (Porreca, 2019, p. 1), sendo uma relação comum, pautada por conflitos, separações, diálogos, afetividades positivas (e negativas), amores e desamores, violências psicológicas e físicas etc. Stein nos indica um caminho do real, descreve o sofrimento de ser na comunidade e na família e, por dentro, desvela o ser mãe:

Hoje em dia, milhões de crianças estão sem lar e órfãos, apesar de terem uma casa paterna e uma mãe. Elas têm fome de amor e esperam uma mão que as guie. que as tire da sujeira e da miséria para chegar à pureza e ao ódio: Os grandes sofrimentos e as grandes alegrias são vivenciados no profundo da alma; são experiências que nos comovem e nos fazem vibrar interiormente. Quando a alma que vivencia essas situações permanece tranquila e firme (não por ser "insensível", mas por vivê-las em toda sua profundidade), demonstra que possui em sua essência algo que a permite resistir, enfrentar tudo o que lhe sobrevenha. É nisso que reside o que é denominado de "força anímica" (Stein, 2003, p. 707, tradução nossa)

Esta "força anímica" reside na capacidade da alma em resistir e enfrentar essas situações, quais sejam, experiências que nos (co)movem, com tranquilidade ou firmeza, sem perder o equilíbrio interno, mesmo diante de grandes sofrimentos, alegrias ou sacrifícios. Uma das alternativas em contextos de injustiça psicossocial e social, trata-se de resgatar o amor:

[...] o amor ameaça muito mais do centenas e centenas de metralhadoras de última geração. Quando esse afeto irrompe, as pessoas perversas, por exemplo, tendem a se amontoar em desprezo à palavra, tendo dentro delas, uma rejeição pelo amor, trazida como ser fraco, não ser homem, coisa de mulher. Trata-se da descrença que exista o amor. Talvez por sua própria falta (de amor) e falha se torna efetiva — fragmentação do afeto que afeta (Pinel, 2015, p. 49).

Stein esclarece-nos que o

[...] fenômeno extático do amor, entendido como um transcender-se a si mesmo, é constatado muito particularmente no caso da relação com outrem. É assim que Edith Stein considera o ato de amar como um olhar ao outro como pessoa, quer dizer por ele mesmo, no pleno reconhecimento de seu valor intocável (Stein, 2002 *apud* Rus, 2015, p. 98).

Adoto Stein, como bem o faz Rus (2015):

Nós temos, no ato de amar, um ato de captar ou de visar o valor da pessoa, que não é uma avaliação baseada em outra coisa diferente da própria pessoa; nós não amamos uma pessoa porque ela faz o bem, [...], mas ela própria é plena de valor e é "por ela mesma" que a amamos. Essa capacidade de amar que se expressa em nosso amor enraíza-se em uma profundidade diferente da capacidade de avaliar moralmente que se experimenta na avaliação da ação. Nessa citação, Stein deixa evidenciado um dos modos de ser mãe: o de cuidar de si, cuidando do outro, seu filho. Um romper com as vivências de desamparo, frustração, abandono, rejeição (Stein, 2004, *apud*, p.98).

Em Stein (2020), a mulher, como ser na comunidade, vai se destacar também no papel de esposa e mãe — mulher. E, nesse caso, o ser esposa significa carregar valores e subjetividade como ser de apoio e de segurança — ser companheira, tanto do esposo, da família e da comunidade humana.

Ser mãe tem o sentido de cuidar e desenvolver a verdadeira humanidade. Ambos: o companheirismo e a maternidade da alma não estão restritos aos limites da relação física de esposa e mãe, eles se estendem a todas as pessoas que entram em contato com a mulher (Stein, 2020, p. 283).

Stein (2020) destaca algo da Enfermagem, o ser do cuidado — o cuidar do outro. Daí ela pontua que a mulher pode "ser mais" tomando outros rumos que optar (ou não) por não ser mãe. Como enfermeira, o objeto desse saber-fazer-sentir é o Cuidado, ela utiliza esse verbo com muita atenção. O cuidar como estar ao lado do outro, produzir objetos e pensamentos para esse mesmo outro, cuidar do outro nas suas feridas etc. Podemos mesmo aventar de que "ser mãe" para Stein pode ser:

[...] [um] "**ser de cuidado**", afinal o termo Cuidado na sua origem alemã, *Sorge*, é prenhe de amor, e é o amor que nos eleva de um cotidiano banal, e isso se explicita por seus textos cuidadosos, interessados pelo outro - como parte de si, pelos valores da pessoa humana, o cuidar de pessoas doentes até por ela ter vivido intensamente a Enfermagem cujo nome é Cuidado etc. [...] E a autora chega a pontuar a falta de cuidado, que é uma das psicopatologias do cuidado (Pinel; Cosmo; 2022, p. 15, grifos e aspas nossos).

Se Cuidar é Amar, a “[...] essência mais íntima do amor é a entrega” [...]; amor “[...] é vida na mais alta perfeição” (Stein, 2019, p. 649-653), um prazer em êxtase, delicado, enlevado, maravilhado e arrebatador sendo um valor extático mais alto e potente, e Rus (2015, p. 98) analisa: “[...] [o amor é] aquele que faz ao máximo o ser humano sair de si próprio, sob a forma do dom, liberando-o daquilo que dificulta o desabrochar pleno de sua essência”. Por exemplo, no

livro, *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça* aparece o termo 22 vezes; em *Ser finito e ser eterno*, aparece 12 vezes; em *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos*, 37 citações etc.

O amor aparece também de modo muito forte. "A atitude da mulher tem em vista o pessoal-vivente e visa ao todo. **Cuidar**, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento [e aprendizagem]" (Stein, 2020, p. 57, grifo nosso). Como a autora sempre destaca a relação na comunidade, podemos imaginar que tais valores podem ser socializados com todos, afinal ela "visa ao todo":

[...] a função de mãe exige sobretudo cuidados, incentivos e orientação, só aos poucos ela poderá passar à posição de companheira em relação aos filhos já adultos. De um lado, exige-se da mãe ainda mais empatia, porque ela precisa identificar dons e forças ainda inconscientes, antecipar algo que ainda não é, mas quer vir-a-ser. Por outro lado, é maior a possibilidade de influenciar. Porque a alma infantil se mostra ainda maleável e se manifesta mais facilmente e com mais sinceridade, porque ainda não se defende das influências externas. Mas tudo isso aumenta também a responsabilidade (Stein, 2020. p. 130).

O cuidar é um tipo comportamento, como é também um ato de decisão — de escolha e de responsabilidade — e, nesse sentido, a mãe, muitas vezes

[...] faz essa opção, opondo-se à pressão e opressão de "fazer ser materna". É um valor, uma atitude e postura, uma subjetividade, uma ética, uma política e política de inclusão, uma amorosidade, um dizer não a violência etc. É uma ocupação com o outro como forma de auto-amor, sendo assim uma característica subjetiva steiniana muito potente (...) O Cuidado desvela um humano que é composto de forma dinâmica e interligado de corpo-mente-espírito (Cosmo; Pinel; Chicon, 2022, p. 12).

O CONCEITO “MÃE AUTÊNTICA” EM EDITH STEIN

No pensamento filosófico de Edith Stein, a figura da “mãe autêntica” ocupa um lugar central na constituição ontológica e afetiva da pessoa humana. Essa figura representa uma instância singular e insubstituível no processo formativo da infância, funcionando como um núcleo irradiador de sentido, presença e confiança. Stein proferiu duas conferências radiofônicas em 1932, na Rádio Bávara de Munique, na Alemanha, compiladas sob o título *A arte materna da educação* [*Mütterliche Erziehungskunst*], nas quais desenvolveu uma reflexão fenomenológica e pedagógica sobre a função educativa da mãe no desenvolvimento e na educação da criança, desde a primeira infância à idade escolar.

Ao participar do programa *Hora da Mulher*, no dia 1º de abril de 1932, Stein abordou o tema da maternidade de forma sensível, honesta e filosófica, mesmo sem ter filhos biológicos. Sua reflexão não pretendeu oferecer respostas absolutas, mas sim uma escuta fenomenológica e um esforço de compreensão enraizado na vida concreta. Ela reconheceu os limites do conhecimento técnico-científico, ao mesmo tempo em que afirma seu valor quando vinculado à experiência vivida. Sua pergunta inicial — “com que direito pode uma mulher, que não é mãe, atrever-se a falar para mães?” — não é apenas retórica, mas inaugura um posicionamento fenomenológico que busca articular ciência e vivência, objetividade e experiência afetiva.

[...] Quiçá vocês pensem que os estudos de psicologia e pedagogia lhe dão direito a isso. E isso é certo. Estes estudos, se se praticam de um modo correto, podem informar-nos sobre aquilo que só o “instinto maternal” não consegue. De todos os modos será sempre proveitoso se as questões das quais fala a ciência surgem da vida, e se somos capazes de distinguir a conexão entre as afirmações da ciência e os fatos da vida. E, assim, parece-me que, para ganhar sua confiança, é quase mais importante que o estudo científico o fato de eu ter vivido lembranças de infância ricas e estreitamente relacionadas; também o fato de que vi crescer muitas crianças em círculos de familiares e conhecidos e na escola, e que pude observar durante longo período seu desenvolvimento, e que muitos deles depositaram em mim a sua confiança (Stein, 2003, p. 374, tradução nossa).

Ao afirmar que a confiança das mães não deve repousar apenas sobre títulos acadêmicos, mas também sobre sua vivência próxima de crianças e sua capacidade de observar com empatia e atenção o processo de desenvolvimento infantil, Stein justifica seus conhecimentos sobre o assunto por meio de uma fenomenologia vivida: um saber que emerge da escuta, da convivência e da abertura ao outro. Esse gesto de honestidade intelectual prepara o terreno para sua defesa da figura da “mãe autêntica”, conceito fundamentado em sua pedagogia fenomenológica.

O conceito “mãe autêntica” pode ser considerado uma força que influencia e modela profundamente o caráter e o destino do ser humano. A partir de inspirações do método fenomenológico, a autora defende que, enquanto a ciência pode informar sobre aspectos da educação, somente a vivência concreta do amor materno pode assegurar o pleno desenvolvimento da criança (Stein, 2003).

Utilizando a ideia de infância, Stein(2003) evoca a imagem de um amor materno saudável como condição vital para o desabrochar da personalidade como ser no mundo, numa relação empática e intersubjetiva. Para ela, a ausência ou a falha desse “amor primeiro” imprime marcas duradouras, refletindo-se em comportamentos de retraimento, tristeza ou desvios de caráter. A infância, nesse contexto, configura-se como o tear em que se entrelaçam luz e sombra, forças construtivas ou ausências marcantes. A criança, desde a concepção, como pessoa humana não é

um projeto isolado, mas um ser constituído em relação como ser no mundo e em comunidade — especialmente no âmbito familiar e afetivo. A centralidade da mãe na estruturação inicial da personalidade fundamenta a importância da “mãe autêntica” como mediadora primeira da confiança, da liberdade interior e da abertura à comunidade, elementos que serão decisivos para o desenvolvimento educativo e existencial da pessoa humana.

A presença e influência dessa “mãe autêntica”, em matéria do caráter e destino do ser pessoa humana, impacta no existir, uma vez que,

[...] se encontrarmos pessoas que caminham aberta, direta e livremente, e que transmitem luz e calor, então podemos afirmar quase com segurança que tiveram uma infância soleada e que o sol dessa infância foi um são amor materno. Se encontramos pessoas tristes e retraídas ou que mostram desvios ou deformação de caráter, pode-se concluir, com não pouca probabilidade, que em sua juventude faltou ou se perdeu algo, e quase sempre se vê logo que falhou, senão exclusivamente, ao menos também por parte da mãe [...] (Stein, 2003, p. 374-375, tradução nossa).

Para Stein (2003), a “mãe autêntica” é aquela que está efetivamente para a criança, ainda que nem sempre com ela. Mesmo quando se ausenta por razões legítimas, seu compromisso se traduz no cuidado com a formação e a proteção da criança. Esse amor maternal, comparado ao calor do sol que permite a uma planta florescer, não busca satisfazer desejos próprios, mas visa à realização do ser humano como criatura chamada à participação plena na humanidade.

A autora destaca que a ligação entre mãe e filho é de ordem misteriosa, transcende a mera biologia e permanece como um laço espiritual que confere à mãe a capacidade intuitiva de compreender as necessidades do filho e atender-lhes: “[...] permanece um laço invisível — uma força que a mãe pode sentir o que necessita a criança, o que a ameaça, o que lhe sucede” (Stein, 2003, p. 374). Assim, a ausência de uma “mãe autêntica” pode comprometer seriamente o desenvolvimento da pessoa humana. A “mãe autêntica” é, portanto, educadora primordial, cuja presença amorosa estrutura as bases da confiança, da consideração e da relação com o Eterno— fundamentos essenciais para toda convivência humana.

Essa mãe é quem assenta os fundamentos de uma pedagogia do amor desde a concepção e, em diálogo com a escola, possibilita que o pequeno ser conheça a si mesmo, o Eterno e a humanidade. Trata-se da “mãe autêntica” — aquela que está para o filho —, cuja missão é preparar com sensibilidade os passos da criança rumo à escola e à convivência comunitária. Nesse sentido, Stein (2003) pode ser considerada uma das pioneiras ao propor uma psicologia pré-natal numa época em que ainda não existia a fotografia intrauterina. Enquanto predominava a crença

de que o conceito, o feto e o bebê estavam totalmente protegidos pela placenta e imunes às influências externas, Stein já reconhecia, com profunda intuição fenomenológica, que a vida intrauterina era marcada por experiências afetivas “mãe e filho” que moldavam precocemente a constituição da pessoa humana.

A “mãe autêntica”, ao assumir conscientemente a responsabilidade educativa, espiritual e existencial de seu filho, torna-se mediadora da abertura do ser para o mundo e para a transcendência, em conformidade com a fenomenologia elaborada por Stein. Ao refletir sobre a transição da criança para o ambiente escolar, Stein (2003) demonstra sua profunda sensibilidade fenomenológica ao reconhecer que esse momento não representa apenas uma mudança logística, mas a inauguração de uma nova etapa existencial — tanto para a mãe quanto para o filho.

Em sua conferência de 3 de abril de 1932, Stein descreve com delicadeza o impacto simbólico do ingresso na escola, onde a atuação da “mãe autêntica” antecede e prepara a criança ao espaço escolar: a criança, até então sob os cuidados exclusivos da mãe, passa a conviver com seus pares e a ser guiada por uma nova figura adulta — o professor.

Quando uma mãe leva a criança pela primeira vez para a escola tem que ter clara a ideia de que para os dois começa uma nova etapa na vida. Um mundo totalmente novo se abre diante da criança. Entra em um círculo de companheiros da mesma idade. No lugar da mãe surge, durante umas quantas horas do dia, outra ‘grande pessoa’, que lhe quer guiar e formar e à qual tem que se acomodar. Cada dia e cada hora uma grande quantidade de novas impressões e estímulos se acumulam na jovem alma e têm que ser assimiladas (Stein, 2003, p. 380, tradução nossa).

Para a criança, esse “novo mundo” é repleto de estímulos, interações intersubjetivas e exigências que devem ser interiorizados e compreendidos. Para a mãe, representa o início de um processo gradual de separação, em que sua função educadora se transforma ou é dividida com o outro. Esse momento inicial de escolarização é descrito por Stein como uma travessia emocional e formativa. A criança se vê diante de novas relações, normas e expectativas, precisando de uma base afetiva sólida para lidar com esse ambiente ainda desconhecido.

Cabe à “mãe autêntica” preparar essa travessia com sensibilidade e responsabilidade, oferecendo segurança emocional e imagem positiva da escola, sua comunidade. O função dessa “mãe autêntica”, portanto, não cessa com o ingresso da criança na instituição formal de ensino, mas se transforma: ela é “ser-com”, permanecendo como referência intersubjetiva a criança, fonte de confiança e afeto que sustenta o sujeito em meio às novas exigências do mundo social. Assim, Stein antecipa o que hoje se entende como educação integral, em que o vínculo familiar continua

sendo parte ativa do processo formativo, especialmente quando se trata de crianças em condição de vulnerabilidade ou com necessidades específicas. A “mae autêntica” preparará com cuidado os passos da criança para a educação formal, apresentando-lhe a instituição escolar como algo belo sobre o qual pode alegrar-se.

A própria Edith Stein, ao evocar sua infância, oferece um testemunho vívido do ambiente afetivo e educativo criado por sua mãe — uma presença que se configura como exemplo real daquilo que mais tarde ela conceituará como “mãe autêntica”. Em uma passagem autobiográfica, Stein rememora:

[...] quando os dias eram bons, podíamos brincar no depósito de madeira. Era um paraíso para as crianças, e nós nos reuníamos lá quando não estávamos na escola [não somente nós, os filhos, mas também as outras crianças de nossa casa, os amigos de escola e os filhos dos parentes]. Minha mãe dava a regra: “Obedecer e não perturbar! Para além disso, vocês podem fazer o que quiserem!” Com muita alegria, fizeram uma gangorra, colocando uma tábua sobre um cavalete de madeira: uma criança se sentava numa extremidade e rapidamente estava no alto. Ficávamos brincando horas a fio, sem nos cansar dessa brincadeira. Também brincávamos de esconde-esconde entre as numerosas pilhas de tábuas, umas mais baixas e outras mais altas. Dentro do depósito ficavam as tábuas ou pranchas sensíveis às intempéries. Elas eram empilhadas de modo a formar verdadeiros andaimes, o que exigia escadas para alcançar o topo, que era escuro. Nessa penumbra era possível se esconder, sonhar e contar histórias [...] (Stein, 2018, p. 61).

A liberdade concedida às crianças era acompanhada de uma diretriz simples, mas significativa, revelando uma pedagogia baseada na confiança, na escuta e na autonomia responsável. O espaço de brincadeira se transforma em lugar de criação, imaginação e socialização, elementos essenciais para o desenvolvimento integral da criança. A figura materna, nesse contexto, não se impõe como autoridade rígida, mas como guardiã da segurança e da liberdade do filho. Dialogando diretamente com a formação integral da pessoa humana e com a importância do ambiente afetivo como base para a construção da subjetividade e da autonomia — especialmente relevantes em contextos variados.

Na década de 1930, Edith Stein alertava para a negligência com que muitos pais e responsáveis escolhiam a escola de seus filhos. Em vez de buscarem conhecer previamente o espírito educativo, os métodos adotados e os valores que orientavam a prática docente, limitavam-se a realizar a matrícula de forma automática, sem considerar a quem confiavam a formação das crianças. Em outras palavras, deixava-se de lado a responsabilidade de avaliar criticamente o projeto político-pedagógico da instituição (Stein, 2003).

A pedagogia fenomenológica de Edith Stein culmina em uma compreensão elevada da ação educativa da mãe, que transcende o cuidado físico e afetivo para assumir a forma de uma

dimensão espiritual. A “mãe autêntica” é, para Stein, aquela que não busca moldar a criança segundo suas próprias projeções, mas que a conduz, com amor e desprendimento, à realização plena da pessoa humana (livre e consciente), de sua vocação pessoal como ser no mundo. A autora afirma:

[...] cada vez mais retrair-se, não querer fazer valer a própria pessoa, senão mirar até a meta: que a criança chegue a ser o que Deus quer dela. No início, se dá à criança tudo em suas mãos, e cada vez mais se lhe emancipa e antes ou depois chega o dia em que exteriormente tem que dar-lhe tudo, quase como um segundo nascimento, uma separação espiritual, que pode ser muito mais doloroso do que o primeiro. Não ajuda em nada por resistência. Quanto mais se engane a mãe em manter o filho para si e retê-lo, com maior segurança e definitivamente o perderá, inclusive ainda que lhe pudesse levar a que exteriormente permanecesse com ela. Quanto mais disposta esteja a devolvê-lo nas mãos de quem lhe deu, tanto mais seguro pode esperar que lhe será novamente ofertado em sentido novo, elevado e santo (Stein, 2003, p. 386).

Essa entrega — que exige da mãe o abandono da possessividade — constitui um gesto de profundo amadurecimento integral, ético e espiritual de ambos, principalmente do estudante como ser no mundo. Esse gesto de amor maduro e consciente reflete a essência da “mãe autêntica”, capaz de formar pessoas livres, conscientes, responsáveis e abertas à transcendência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida neste artigo permitiu reconhecer a contribuição singular da filosofia de Edith Stein para os campos da educação e da educação especial. Sua abordagem fenomenológica da natureza feminina, especialmente por meio da figura da “mãe autêntica”, revela uma visão ampla, sensível e espiritual da mulher como sujeito formador, cuja ação educativa é inseparável do cuidado, da empatia e da escuta. Em Stein, a maternidade não é apenas um dado biológico, mas uma atitude existencial que se realiza no compromisso com o outro, especialmente com a criança.

A “mãe autêntica”, como concebida pela autora, é aquela que assume sua função educativa de modo integral, ajudando a criança a desabrochar como pessoa, não segundo suas próprias expectativas, mas segundo o projeto único que cada ser humano carrega em si. Essa presença amorosa, firme e intuitiva é fundamental para o desenvolvimento emocional, espiritual e moral da criança. A mulher, nesse papel, torna-se mediadora entre a subjetividade do filho e o mundo social, preparando-o para a convivência comunitária com base em vínculos afetivos seguros e confiáveis.

Tais reflexões são especialmente relevantes para a educação contemporânea, que enfrenta o desafio de acolher crianças em situação de vulnerabilidade, com necessidades educacionais específicas ou marcadas por experiências de desamparo afetivo. O modelo de mãe proposto por Stein inspira uma pedagogia do cuidado que transcende o espaço familiar e pode dialogar com as práticas escolares, promovendo uma formação integral centrada na dignidade da pessoa humana. A escuta atenta, a presença ética e o compromisso afetivo tornam-se elementos fundamentais para educar de maneira autêntica.

Concluimos, portanto, que o conceito de “mãe autêntica” desenvolvido por Edith Stein amplia o horizonte das práticas educativas ao inserir o amor, o cuidado e a subjetividade como dimensões constitutivas da formação humana. Ao integrar filosofia, espiritualidade e experiência, Stein oferece um caminho potente e atual para repensar os vínculos entre maternidade, educação e comunidade, especialmente em tempos marcados pela fragmentação dos afetos. Sua filosofia convida-nos a redescobrir o valor da presença amorosa como base para toda ação educativa.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **Segundo sexo**: a experiência vivida. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

COSMO, J.; PINEL, H.; CHICON, J. F. Desvelando o ser professor: reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas e a formação continuada. In: VII SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7.; XVIII SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 8., Vitória 2022. **Anais [...]**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, D. Edith Stein inspira as mulheres a assumir os desafios do tempo presente. Jornal O São Paulo. Arquidiocese de São Paulo. Entrevistada: Magna Rocha. 23 de março de 2020. Disponível em <https://edithstein.com.br/pedagogia/edith-stein-inspira-as-mulheres-a-assumir-os-desafios-do-tempo-presente/> Acesso em: 5 de jun. 2023.

MENDES, E. S. **Estado, pessoa e comunidade**: análise antropológica, filosófica e psicológica em Edith Stein — confronto e integração com Ignacio Martín-Baró. 216 f. Tese [Doutorado em Psicologia], Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PINEL, H.; COSMO, J. **Estudos acerca da fenomenologia e Edith Stein**. Vitória, ES: Anais do Grufei reservados, 2022.

PINEL, H. **Práticas educacionais existenciais**: na Pedagogia e nas classes hospitalares e domiciliares. Vitória: PPGE/Ufes, 2015.

PORRECA, W. Relação conjugal: desafios e possibilidades do “nós”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 35, n. Especial, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/23343>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RUS, É. **A visão educativa de Edith Stein**: aproximação a um gesto antropológico integral. Tradução de J. Savian Filho e I. Sanchis. Belo Horizonte: Artesã, 2015.

STEIN, E. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução de Alfred J. Keller. Campinas: Ecclesiae, 2020. (original de 1959).

STEIN, E. Escritos antropológicos y pedagógicos: magisterio de vida cristiana (1926-1933). **Obras Completas v. 4**. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

STEIN, E. Escritos autobiográficos y cartas. *In: Obras Completas v. 1*: Traducidos del alemán por Jesús García Rojo, Ezequiel García Rojo, Francisco Javier Sancho Fermín e Constantino Ruiz-Garrido. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2002.

STEIN, E. Escritos espirituales. *In: Obras Completas v. 5*. Tradução de Francisco Javier Sancho e Julen Urkiza. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2004.

STEIN, E. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução de Enio Paulo Giachin *et al.*; revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019.

STEIN, E. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Maria do Carmo Ventura Wollny, Renato Kirchner; revisão técnica Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2018.

TEIXEIRA, P. E. L. **A formação integral da pessoa em Edith Stein**: perspectivas teológicas e pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.